

“Preservação do homem” preocupa Maria do Barro

A secretária de Serviço Social do governo do Distrito Federal, Maria do Barro, transformou em um ato de fé a palestra que apresentou no I Fórum Nacional Sobre Migração. Ao contrário de todos os outros palestrantes do encontro, Maria do Barro preferiu se abster da estatística, “não porque a Secretaria não tenha seus números, mas porque desejo dar o meu depoimento pessoal, de imigrante”. Uma mensagem “mais humana, mística e — por que não? — esotérica”.

De cara, cantou (mais que contou) os versos de um poema que escrevera, inspirada em Cora Coralina, de quem diz-se fã confessa: “De onde venho? Venho das terras secas, rachadas, trincadas, do sol de verão... Venho de lá! Meu povo fala arrastado, cantado — e anda de lén em lén. Meu povo reza chorando, acreditando nos milagres do céu. Venho de lá!”.

Maria do Barro faz a distinção entre a migração individual e a coletiva. “A individual não tem qualquer impacto social; faz parte da vida. A migração que preocupa é a coletiva — seja a de uma família, seja a de membros de um grupo social. Ela fere sentimentos e dizima grupos e culturas. Mas tem uma única e definitiva causa: a miséria, a falta absoluta de condições de sobrevivência”. Na opinião da secretária, o migrante brasileiro, a princípio, era movido mais pelo fascínio das grandes cidades, como Rio

Citando poemas e oferecendo uma mensagem “mística e esotérica”, a secretária do Serviço Social procurou sublimar o imigrante

de Janeiro e São Paulo.

Maria do Barro diz que, agora, “o Eldorado é Brasília, a terra prometida, o sonho de Dom Bosco”. Mas adverte que a Capital federal não é — sozinha — esse Eldorado: “É todo o Centro-Oeste, que tem terras, uma hidrografia, clima e vastidão a indicarem a fartura. Aqui no coração do Brasil, onde Brasília foi construída para irradiar, e não para polarizar”. E profetiza que “há de se achar o caminho e a forma”, para uma ocupação territorial mais humana e mais feliz.

Ela tem, até, uma receita: “É necessário se forjar uma nova legião de nômade, uma nova raça que procure e ache a terra, o teto e o trabalho, para a edificação do Homem do Terceiro Milênio. Maria do Barro os chama de “Gourangas, isto é, os Dourados — uma nova raça, a raça mística preconizada por

Dom Bosco, nascida de uma terra virgem, onde o homem respeite e seja respeitado, representante que é da centhala divina”.

Em meio a uma pausa no discurso místico, Maria do Barro acaba provando que também tem números para mostrar: “Mantida a média de 6,86 por cento, observada no período de 1980 a 1986 para o crescimento da população economicamente ativa, o prognóstico do Sine-DF é o de que passaremos de 860 mil cidadãos em condições de produzir, que tínhamos em 1989 — para o total de um milhão 784 e 200 pessoas economicamente ativas, no ano 2000. A perspectiva, dela e do GDF, “é a de que, em uma década, dobraremos a força de trabalho em disponibilidade no Distrito Federal, o que aponta para a criação de 924 mil 200 novos empregos formais,

nestes anos 90”.

E Maria do Barro é toda protesto, quando chama o testemunho, em verso, de Guerra Junqueira e Cora Coralina: “Eu sou e lido com as coisas da terra, sei que ‘todo corpo é lama’, e que ‘sou a Terra, a gleba, a gestação, o amor’. Eu sou Maria do Barro, sou verde, sou azul, sou verde e amarelo, sou natureza e sou pela natureza. Mas, como me choça, ver duas nações se unirem para salvar duas baleias encalhadas no Alaska! Tantos, tão preocupados com a Amazônia! A Rio-92 mobilizando todo um país! E com o Homem, quem se preocupa? Será que o desgraçado do migrante terá que se pintar de verde, ou se vestir do lobo-guará, ou de mico-leão dourado, para, então, poder entrar no contexto da ecologia e ser visto, protegido, tratado e preservado?”

